

Akayala

© 2021 – Diamantino Fernandes Trindade

Akayala

Uma sacerdotisa atlante resgatando o
sagrado feminino no terreiro de umbanda

Diamantino Fernandes Trindade

Todos os direitos desta edição reservados à
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.

Fone/Fax: 19 3451-5440

www.edconhecimento.com.br

vendas@edconhecimento.com.br

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

Revisão e preparação: Sueli Aratijo

Projeto gráfico: Sérgio Carvalho

Ilustração da capa: Rosa Teubl
Banco de imagens

ISBN 978-65-5727-097-4

1ª edição – 2021

• Impresso no Brasil • *Presita em Brasília*

Produzido no Departamento Gráfico de
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA

Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150

Fone: 19 3451-5440 — Limeira – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

Trindade, Diamantino Fernandes.

Akayala : Uma sacerdotisa atlante resgatando
o sagrado feminino no terreiro de umbanda /
Diamantino Fernandes Trindade (Org.) – 1ª ed. –
Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2021.
144 p. : il.

ISBN: 987-65-5727-097-4

1. Umbanda 2. Sagrado feminino 3. Atlântida 4.
Pombagira I. Título

21-1903

CDD – 299.672

Índice para catálogo sistemático:

1. Umbanda

Diamantino Fernandes Trindade

Akayala

Uma sacerdotisa atlante resgatando o
sagrado feminino no terreiro de umbanda

1ª edição – 2021





Logo da Casa de Cultura Umbanda do Brasil.

Os direitos autorais desta obra são totalmente revertidos para as atividades da Casa de Cultura Umbanda do Brasil.

A Casa de Cultura Umbanda do Brasil possui um acervo de 2000 imagens, livros, discos, quadros e objetos ritualísticos e vários documentos históricos. Promove diversos eventos no sentido de resgatar a Grande e Sagrada Diversidade Religiosa Brasileira.

Dedicatória

A Yara Ribeiro, que partiu para o Òrún em novembro de 2020.

Agradecimentos

À **EDITORA DO CONHECIMENTO** pelo valioso apoio dado a publicação desta obra.

Aos queridos colaboradores Larayara, Yêyanayá, Mayaráitá, Haritêna, Láreserá, Wallace Fernando, Ana Paula Pires Trindade e Nicholaj de Mattos Frisvold.

Às queridas irmãs Odete Terapeuta, Tânia Resende, Rosa Teubl e Rosa Terapeuta, pelas preciosas colaborações mediúnicas.

À Selene, pelas maravilhosas mensagens enviadas do Astral.



Virgem Negra de Montserrat.
Mosteiro de Montserrat, Catalunha, Barcelona (Espanha).



Senhor Ori, sacerdote atlante que trabalha como
criança espiritual através da mediunidade de Rikal.
Arte: Rosa Teubl. Acervo do autor.

Nunca confie em alguém que não arrisca a própria pele.

Nassim Nicholas

Sumário

Prefácio.....	13
Apresentação.....	15
Sagrado feminino: o elo do percurso espiritual.....	25
Akayala: de sacerdotisa atlante a pombagira no terreiro de umbanda.....	33
Sophia: o cântico da noiva.....	63
O hino de Ísis.....	66
Dona de sete reinos.....	68
Pombagira Maria Caveira fala sobre o sagrado feminino.....	69
Amor incondicional.....	71
Carta de Akayala para Rikal.....	72
Mãe Kuan Yin.....	77
Carta de Asu Mirendo Mer para Rikal.....	82
A Sacerdotisa do Portal.....	99
Os guardiões astrais.....	106
Sentinela.....	108
Yara em tratamento em uma colônia espiritual.....	112
Ìyàmi Òsóróngà, a matriz das mães.....	113
A Virgem do Silêncio.....	120
A santa guerreira.....	129
A morte e o renascimento da deusa.....	133
Sobre o autor.....	142

Prefácio

Dos que ainda se lembram, aos que anseiam por
se lembrar.

(Láreserá)^[1]

Marchemos!

Há mistérios peregrinos

No mistério dos destinos

Que nos mandam renascer.

Da luz do Criador nascemos,

Múltiplas vidas vivemos,

Para à mesma luz volver.

(Castro Alves/Chico Xavier)^[2]

O belo poema póstumo de Castro Alves, cujos arroubos românticos não deixam margem à dúvida quanto à autenticidade da pena mediúnica de Chico Xavier, na ocasião contando com apenas 21 primaveras, bem se presta a abrir as páginas desta obra, toda ela permeada por lembranças de um passado longínquo, que se faz entrever aqui e ali. Cuida-se de impecável paráfrase, em redondilha maior, da célebre máxima cunhada pelo professor Rivail, mais conhecido como Allan Kardec: “Nascer, morrer, renascer ainda e progredir sempre, tal é a lei”.

Ninguém melhor do que o pedagogo francês soube ex-

[1] Iniciado na umbanda tradicional e na umbanda esotérica; *oungan sur pwen* no vodú haitiano; representante, no Brasil, de linhagens tradicionais de sociedades iniciáticas da Escola Francesa de Esoterismo Ocidental; advogado formado na Faculdade de Direito do Largo de São Francisco da Universidade de São Paulo (USP).

[2] DIVERSOS Espíritos. *Parnaso: de além-túmulo*. [Psicografado por Francisco Cândido Xavier]. Rio de Janeiro: FEB, 2010.

plicar o mistério dos renascimentos sucessivos, pois que fiel aluno da excelsa falange espiritual liderada pelo Espírito da Verdade e integrada pelo célebre Fénelon^[3]. Entretanto, se as obras de Kardec trouxeram a base doutrinária para compreensão da pluralidade das existências, coube a vários caminhan-tes da Senda ilustrá-la com lampejos de lembranças, mais ou menos fugidias, de suas aventuras de outrora: Charles Webster Leadbeater, Rudolph Steiner e os nossos Chico Xavier e Divaldo Franco, para citar somente alguns.

Mas, então, trataria este livro tão somente de tais lembranças de vidas passadas? Não apenas. Ele vai além, muito além, pois escrito sob o prisma do feminino sagrado, ou melhor, do escrutínio das leis da vida sob a ótica da mulher, tão esquecida nos últimos séculos, mas agora relembrada e reavivada cada vez mais nos albores do século XXI.

Assim é que, após a leitura destas páginas, que alternam a exposição teórica, a ilustração viva das narrativas do passado e os relatos deixados por aqueles que, do outro lado do véu, ainda se lembram, o leitor terá uma nova visão do feminino, um olhar renovado, seguramente mais maduro e sereno. Sem exagero, portanto, podem-se considerar estas páginas herdeiras de um veio literário e metafísico principiado por expoentes como Dion Fortune, na Inglaterra, e Yvonne do Amaral Pereira, nas terras da Vera Cruz.

Convém mencionar, ainda, as breves, mas substanciosas linhas trazidas pelo internacionalmente aclamado Dr. Nicholaj de Mattos Frisvold acerca de um mistério tão mal compreendido no seio dos cultos afro-brasileiros, mas que se encontra fielmente preservado no milenar culto de Ifá, um dos últimos vestígios da tradição sob a ótica perenialista: Ìyàmi Òṣóróngá.

Prepare-se, pois, leitor, para deitar os olhos em terras hoje esquecidas, aspirar o aroma de perfumes exóticos, ouvir melodias distantes e línguas extintas. Esteja pronto, sobretudo, a lançar um novo olhar sobre a mulher, o feminino, a Mãe, com toda a sua força e vigor.

Talvez, assim, você também se lembre...

[3] Deixarei à curiosidade e, talvez, à intuição do leitor perquirir o porquê da menção nominal ao teólogo francês.

Apresentação

Caros leitores e leitoras!

Qual o objetivo deste pequeno livro?

Além de se constituir em uma prazerosa leitura, o objetivo principal é a elucidação de algumas dúvidas que muitos têm sobre a espiritualidade, sem devaneios ou proselitismo de qualquer espécie, além de evidenciar a importância do resgate do sagrado feminino e do dinamismo matriarcal, principalmente nos templos espirituais.

Recorri às mensagens enviadas pelo Astral Superior, associadas aos meus conhecimentos prévios desta e de outras vidas e aos já existentes trazidos à luz por médiuns e escritores idôneos. Várias foram as preciosas colaborações de amigos encarnados e desencarnados.

Não se pretende, nesta obra, proceder a uma abordagem acadêmica. No entanto, algumas considerações, nesse âmbito, são necessárias para entendermos melhor o contexto sobre o sagrado feminino e o sagrado masculino.

A alteridade expressa a qualidade ou estado do que é outro ou do que é diferente. É a parte do processo da individuação, que passa por ela para chegar a uma consciência mais ampla e holística. E o caminho ocorre na acolhida dos opostos, em sua integração, que não é assimilação ou eliminação.

Jung^[4] afirma que o arquétipo da alteridade se refere a pares de opostos observados na natureza. Já na opinião de Furlanetto^[5]:

[4] JUNG, Carl Gustav. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 2018.

[5] FURLANETTO, Ecleide. O papel do coordenador pedagógico na formação contínua do professor: dimensões interdisciplinares e simbólicas. In: QUELUZ,

O dinamismo da alteridade busca coordenar o dinamismo matriarcal e o dinamismo patriarcal. Ele funciona em polaridade e relaciona e complementa dois valores importantes para o funcionamento e a compreensão da realidade.

Hoje, muito se fala sobre o empoderamento feminino. Mas, do que se trata? Analisemos este exemplo.

O empoderamento feminino significa uma mulher tomar o lugar de um homem em uma empresa, em um cargo político, em um sistema religioso? Não. É o direito de uma mulher ocupar os mesmos cargos, ter o mesmo reconhecimento e receber salários iguais aos dos homens.

Conforme Sadhguru^[6]:

Mulheres que genuinamente têm algo de feminino nelas e, também homens que não se envergonham de ser femininos, quando precisam ser esse equilíbrio, que tem que ser trazido à tona em uma sociedade. É somente nesse equilíbrio que existe empoderamento.^[7]

Há várias abordagens sobre o sagrado feminino, como esta:

O **sagrado feminino** é uma filosofia de mulheres ao redor do mundo que tentam acessar sua deusa interior. Sendo assim, elas procuram se conectar com seus ciclos, com a sua natureza e com suas raízes, para viver de forma mais harmônica com seus corpos, ouvindo a voz interior, os *insights* e os instintos.^[8]

No capítulo seguinte, Larayara nos brinda com uma abordagem mais transcendental sobre o tema.

O sagrado feminino está associado, em níveis externos,

Ana Gracinda (Org.). *Interdisciplinaridade: formação de profissionais em educação*. São Paulo: Pioneira, 2003. p. 83-101.

[6] Jaggi Vasudev, comumente referido como Sadhguru, é um yogi, místico e escritor indiano.

[7] Fragmento da mensagem do Sadhguru no Dia Internacional da Mulher, 8 mar. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=rEEcm355RQg>>.

[8] CARUSO, Tati. Sagrado feminino: saiba o que é e resgate suas raízes. *Espiritualidade. Vida & Estilo*, 24 fev. 2021. Disponível em: <<https://www.dci.com.br/dci-mais/vida-e-estilo/espiritualidade/sagrado-feminino/98514/>>.

ao dinamismo matriarcal e ao empoderamento feminino. Só teremos um mundo melhor e mais justo quando o sagrado feminino estiver em harmonia com o sagrado masculino.

Durante milhares de anos, em Atlantis, os templos solares e lunares viviam em harmonia. O sagrado masculino e o sagrado feminino eram, então, complementares.

Pelos desmandos dos atlantes, ao longo dos milênios, vários cataclismas foram destruindo o continente, até chegarem à sua fase final: a Ilha de Poseidon.

Nessa última fase, os templos solares predominavam e restavam poucos templos lunares. As sacerdotisas foram relegadas a um papel secundário nos templos, até serem banidas pelo poder patriarcal. De forma geral, as mulheres passaram a ter apenas as funções de prazer sexual e procriação.

Na atualidade, as sacerdotisas e o sagrado feminino vêm recuperando o que é seu por mérito e direito. Para isso, um longo caminho foi e ainda é percorrido.

O dinamismo matriarcal, acolhedor, amoroso, cooperativo e pacífico vem sendo resgatado. Em oposição, o dinamismo patriarcal, bélico, militarista e competitivo vem perdendo força, ainda que de forma lenta.

Segundo Trindade e Trindade^[9]:

Francis Bacon associava o homem à técnica, à abstração e à cultura e a mulher era associada à natureza. Tal associação preconizava que conhecer a natureza significava saber como dominá-la, explorá-la e colocá-la a serviço do homem, ou seja, conforme suas palavras: a natureza tem de ser acoitada em suas vadiagens, sujeitada a prestar serviços como uma escrava e o objetivo do filósofo natural é arrancar, sob tortura, os seus segredos. Algumas das nefastas ações de Francis Bacon levaram para a fogueira muitas mulheres acusadas de praticar bruxaria e magia. Talvez ele nunca tenha parado para pensar que a maior de todas as magias só pode ser feita pelas mulheres: dar à luz.

[9] TRINDADE, Diamantino Fernandes; TRINDADE, Lais dos Santos Pinto. *Os caminhos da ciência e os caminhos da educação no Brasil: ciência, história e educação na sala de aula*. São Paulo: Madras, 2007.

Mesmo em uma época em que não eram consideradas cidadãs, já que a universalidade desses direitos não as incluía, as mulheres trabalhavam, assumindo papel importante tanto no desenvolvimento das cidades medievais quanto nas primeiras indústrias. Observa-se, assim, que as mulheres, desde os tempos idos, vêm rompendo com o dinamismo patriarcal.

No período da Revolução Francesa, uma mulher teve grande destaque: Olympe de Gournay. Ela sugeria que deveria haver copresença política e social de homens e mulheres e a mesma dignidade para ambos os sexos. Reivindicava o direito de exercer uma profissão, além de lutar pela abolição da escravidão negra e da pena de morte como também por uma atenção maior à maternidade. Apesar da forte resistência masculina, as mulheres francesas conquistaram alguns direitos e a semente do feminismo começou a germinar com a criação de associações de mulheres revolucionárias. Em 1793, Olympe e mais 374 mulheres foram guilhotinadas, acusadas de comportamento masculino e esquecimento das virtudes do sexo feminino.

A história registra marcos importantes da emancipação feminina:

Como sujeito histórico, *não foi fácil à mulher sua presença num mundo predominantemente masculino e preconceituoso, pois ela não só precisou de inteligência, mas de competência, perseverança e astúcia para emancipar-se dos limites que a sociedade lhe impunha. A literatura e a história universal registram que, desde os seus primórdios, as mulheres foram inovadoras competentes e inteligentes.*^[10]

No final do século XIX, a russa Lou Andreas-Salomé, filósofa, ensaísta, psicanalista, escritora e poetisa, cercou-se de uma constelação de grandes nomes da cultura ocidental e com todos dialogava de igual para igual. Escreveu e publicou 21 livros. Brilhou no Círculo de Viena, influenciando e despertando a paixão de vários intelectuais da época, como Nietzsche, Rilke e Tolstói, além de ter sido colaboradora de Freud.

[10] GOMES, Maria José Teixeira Lopes. *A condução da mulher na história e na literatura*. João Pessoa: Academia Feminina de Letras da Paraíba, 2006.



Lou Andreas-Salomé.
Fotografia: Atelier Elvira, Munique, 1897.

Em suas *Memórias*^[11], Lou Andreas-Salomé sintetizou sua concepção sobre a vida:

A vida humana – na verdade, toda a vida – é poesia. Nós a vivemos inconscientemente, dia a dia, fragmento a fragmento, mas, na sua totalidade inviolável, ela nos vive.

Ouse, ouse... ouse tudo!

Não tenha necessidade de nada!

Não tente adequar sua vida a modelos,

Nem queira você mesmo ser um modelo para ninguém.

Acredite: a vida lhe dará poucos presentes.

Se você quer uma vida, aprenda... a roubá-la!

Ouse, ouse tudo!

Seja na vida o que você é, aconteça o que acontecer.

Não defenda nenhum princípio, mas algo de bem mais maravilhoso:

Algo que está em nós e que queima como o fogo da vida!

Nos campos da ciência, da educação e do conhecimento em geral, tivemos alguns feitos femininos notáveis, tais como Hipátia de Alexandria, na filosofia e na matemática; Marie

[11] Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org>>.

Curie, em física e química; Lise Meitner, em física; Lygia Fagundes Telles, na literatura; Nísia Floresta, na educação; Augusta Generoso Estrela e Rita Lobato, na medicina, dentre muitas outras.



Hipátia de Alexandria.
Arte de Elbert Hubbard, 1908.



Marie Curie em seu laboratório.
Disponível em:

<<https://www.atomicarchive.com/resources/biographies/marie-curie.html>>.